



v. 10, n. 1: 26.º Encontro do Proler Joinville (out. 2020) / 11º Seminário de Pesquisa em Linguagens, Leitura e Cultura – 2021 – ISSN 2316-395X

PALESTRA¹

O teatro shakespeariano em tradução no Brasil

José Roberto O'Shea²

Discorrer sobre a recepção da poesia dramática de William Shakespeare em tradução no Brasil requer um panorama que abranja literatura, cinema e televisão – além do teatro, é claro. E qualquer avaliação, por mais breve que seja, da chegada de Shakespeare entre nós não pode prescindir de referência à história de rebatimentos culturais europeus desde o início do nosso processo de colonização. Embora os portugueses tenham iniciado a colonização já em 1500, teatros e outros tipos de espaços formais para as artes só se tornaram disponíveis nos centros políticos do Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Manaus no século XVIII. O domínio e o prestígio dos modelos europeus, principalmente franceses, continuaram após a independência do país, em 1822, quando a aristocracia colonial e proprietários de terras enviavam sua prole para ser educada no exterior, sobretudo na França e na Inglaterra.

Desnecessário frisar que a influência das companhias teatrais francesas, italianas e portuguesas que viajavam pelo Brasil foi marcante no século XIX. O estudo seminal de Eugênio Gomes – *Shakespeare no Brasil*, publicado no Rio de Janeiro pelo Ministério da Educação e Cultura em 1961 – indica que a primeira recepção e transmissão das obras de Shakespeare no país foi teatral e aconteceu no Real Theatro de São João, construído em 1813 por Dom João VI, no Rio de Janeiro, onde o ator-empresário João Caetano dos Santos (1808-1863) se celebrou encenando *Hamlet* (primeira apresentação em 1835), *Otelo* (1837) e *Macbeth* (1843) e fundando uma companhia teatral inteiramente brasileira. Essas primeiras montagens utilizavam traduções feitas por artistas portugueses, por exemplo Ludovina Soares da Costa (1802-1868), e eram invariavelmente baseadas em adaptações francesas de autoria do poeta, dramaturgo e membro da Academia Francesa de Letras, Jean-François Ducis (1733-1816). Trabalhando com traduções em prosa das peças de Shakespeare, Ducis, que não falava inglês, criou versões adaptadas ao gosto do teatro neoclássico francês, ou seja, observando as unidades de tempo, lugar e ação, bem como a regra da *bienséance* (decoro, decência, compostura), alterando as peças e modificando seu final.

¹ Palestra virtual apresentada no 26.º Encontro do Proler Joinville, em outubro de 2020.

² Professor titular (aposentado) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A recepção da obra de Shakespeare entre nós, no entanto, não foi exclusivamente teatral. Eugênio Gomes arrola escritores do século XIX e do início do século XX representativos da apropriação de Shakespeare na literatura brasileira, tais como Gonçalves Dias (1823-1864), com a peça *Leonor de Mendonça* (1846, que apresenta nítidas semelhanças e contrastes com *Otelo* e que, aliás, foi encenada por Paulo Autran em 1954); Álvares de Azevedo (1831-1852), com sua tradução do quinto ato de *Otelo* e com os poemas “O Poema do Frade” (ref. Ser ou não ser) e “A Harmonia” (ref. Ofélia); Alberto de Oliveira (1857-1937), com o poema “Canção de Ariel”; Cruz e Sousa (1862-1898), com seu poema “Pressago”, invocando “fantasmas” e “bruxos”; Coelho Neto (1864-1934), com a coleção de contos *Álbum de Caliban*; Olavo Bilac (1865-1918), com seu poema “Romeu e Julieta” e, aos 22 anos de idade, com seu soneto em francês sobre a atuação do ator italiano Giovani Emanuel (1847-1902) no papel de *Otelo*, em São Paulo, em 1887; e Rui Barbosa (1849-1923), com suas “Cartas de Inglaterra”, em que o grande polímata brasileiro afirma que “A semente inglesa rebenta com as mesmas virtudes em todas as regiões aradas por este povo, em todas as vastas regiões do globo, por onde se distribui a imensa família dos súditos del-Rei Shakespeare” (BARBOSA, 1946, p. 45-46).

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) não só traduziu Shakespeare – vários excertos, por exemplo o mais do que célebre “To be or not to be”, de Hamlet, além de falas de personagens shakespearianas que se inserem em seus romances –, como também evocou repetidamente as peças do Bardo. Seu romance principal, *Dom Casmurro* (1899), está repleto de ecos de *Muito Barulho por Nada*, *Hamlet*, *As Alegres Comadres de Windsor*, *Romeu e Julieta* e, particularmente, *Otelo*. Seu conto sobre traição e vingança, de 1884, “A Cartomante”, apresenta a história trágica do triângulo amoroso composto por Vilela, Rita e Camilo. O conto inicia-se com as palavras “Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia” e evoca *O Conto do Inverno* na escolha do nome “Camilo”.

Shakespeare foi amplamente apropriado como escritor canônico, não apenas nas páginas, mas também nas telas de cinema e televisão. O filme *O Casamento de Romeu e Julieta*, de 2005, do diretor Bruno Barreto (1955), por exemplo, transformou a tragédia *Romeu e Julieta* em comédia romântica ambientada em São Paulo, e Montéquios e Capuletos tornaram-se torcedores febris, respectivamente, do Sport Club Corinthians Paulista e da Sociedade Esportiva Palmeiras. O diretor Fernando Meirelles (1955), conhecido internacionalmente por seus filmes *Cidade de Deus* (2002) e *O Jardineiro Fiel* (2005), filmou a minissérie intitulada *Som & Fúria*, para televisão, exibida em 2009, a respeito de um grupo fictício de teatro shakespeariano (baseada na série canadense *Slings and Arrows*). Aimara Resende (2002) fornece uma análise detalhada de três produções da TV Globo brasileira relacionadas a Shakespeare: a minissérie *Romeu e Julieta*, de Paulo Afonso Grisolli (1980); o “Caso Especial” *Otelo de Oliveira* (1983), assinado por Aguinaldo Silva (1943) e dirigido por Grisolli; e a telenovela *Fera Ferida* (1993-1994), de Aguinaldo Silva e colaboradores.

Mas voltemos no tempo e à tradução. Embora, como vimos, brasileiros já representassem Shakespeare na década de 1830, os textos utilizados eram edições publicadas em Portugal. Marcia Martins destaca que versões traduzidas de diferentes idiomas começaram a aparecer na imprensa em 1933 e lembra que as fontes utilizadas pelos portugueses eram geralmente francesas (MARTINS, 2004). Martins criou e mantém um rico e útil banco de dados – *Escolha o Seu Shakespeare* –, que oferece uma listagem anotada e gráficos individuais sobre mais de 200 traduções integrais da poesia dramática de Shakespeare para o português brasileiro, identificando quatro gerações de tradutores. Em outubro de 2020, o importante levantamento divulgado no site revela *Hamlet* como a peça mais traduzida no Brasil (16), seguida por *Macbeth* (13), *King Lear* (11), *Othello* e *Romeo and Juliet* (10).

Na esteira do trabalho de Berenice Barreto Xavier (1899-1986), Onestaldo de Pennafort (1902-1987) e Péricles Eugenio da Silva Ramos (1919-1992), realizado nas décadas de 1930 e 1940, Carlos Alberto Nunes (1897-1990) traduziu o teatro completo de Shakespeare na década de 1950, à exceção de *Os Dois Primos Nobres*. Barbara Heliodora (1923-2015), que iniciou sua carreira na década de 1960, publicou 22 peças traduzidas com a Nova Fronteira e Lacerda Editora e depois embarcou numa bela edição em três volumes das obras completas (exceto *Os Dois Primos Nobres*) com a Nova Aguilar, em 2007, estando o terceiro volume disponível desde 2016.

O cenário da tradução ampliou-se consideravelmente nas décadas de 1980 e 1990 com Millôr Fernandes (1923-2012), Ivo Barroso (1929), Sérgio Flaksman (1949), Aíla de Oliveira Gomes (1916-2007), entre outros. Beatriz Viégas-Faria (1956), José Francisco Botelho (1980), Lawrence Flores Pereira (1965) e eu marcamos uma geração atual de tradutores (Lawrence Flores, aliás, ganhou o Prêmio Jabuti de Tradução Literária, em 2016, com sua tradução anotada de *Hamlet*). Merecem destaque as traduções comentadas de *Love's Labour's Lost*, por Aimara Resende, e *A Midsummer Night's Dream*, por Erick Ramalho, ambas editadas em 2006, inaugurando uma série endossada pelo hoje extinto Centro de Estudos Shakespearianos (CESh). No meu caso, desde 1997 publiquei sete traduções anotadas, em verso e prosa, seguindo a modulação do original: *Antônio e Cleópatra* (1997); *Cimbeline, Rei da Britânia* (2003); *O Conto do Inverno* (2007); *Hamlet - o Primeiro In-Quarto* (2010); *Péricles, Príncipe de Tiro* (2012), coautoria de Shakespeare e George Wilkins (1576-1618); *Os Dois Primos Nobres* (2017), coautoria de Shakespeare e John Fletcher (1579-1625); e até o final de 2020 será publicada *Troilo e Créssida*. *Tímon de Atenas* está em fase de revisão, e *As Alegres Esposas de Windsor*, em andamento.

Quanto às reescrituras, em 2006 a série de paródias “Devorando Shakespeare” foi lançada pela Editora Objetiva, do Rio de Janeiro, com um primeiro romance baseado em *Trabalhos de Amor Perdidos*, de autoria do cineasta Jorge Alberto Furtado (1959), seguido por *A Décima Segunda Noite*, do aclamado Luis Fernando Verissimo (1936), e *Sonho de uma Noite de Verão*, por Adriana Falcão (1960). A Objetiva publicou também adaptações em prosa de peças, por Fernando Nuno, a saber: *Hamlet* (2003), *Macbeth* (2003), *A Megera Domada* (2004), *Romeu e Julieta* (2003) e *Sonho de uma Noite de Verão* (2003).

E agora voltemos ao palco. No século XX o teatro brasileiro foi recriado, por assim dizer, por meio das técnicas de Konstantin Stanislavski (1863-1938), e, após a Segunda Guerra Mundial, encenadores e atores imigrantes trouxeram tendências estéticas da Itália, da Polônia e dos Estados Unidos. As primeiras encenações brasileiras de Shakespeare no pós-guerra incluíram produções naturalísticas de *Hamlet* (1948), *Macbeth*, *Romeu e Julieta* e *Sonho de uma Noite de Verão* (todas em 1949), montadas por Paschoal Carlos Magno (1906-1980) com seu Teatro do Estudante do Brasil (TEB). Influenciados por Brecht, os artistas dos anos 1950 introduziram novas perspectivas críticas, embora, um pouco mais tarde, muitos tenham optado pelo exílio, em consequência da ditadura militar (1964-1985), cuja chancela à celebração oficial do quarto centenário da data de nascimento de Shakespeare (23 de abril de 1964), por meio de apoio a palestras, publicações e montagens, visou consolidar a própria suposta legitimidade e prestígio do regime vigente.

Após a década de 1950, importantes releituras e reescrituras pós-coloniais das obras de Shakespeare tornaram-se mais frequentes na América Latina como um todo. Augusto Boal (1931-2009), que se opôs à apropriação de Shakespeare pelo regime militar, escreveu no exílio não só *Teatro do Oprimido* (1973) e outros escritos influentes, mas também a peça *Uma Tempestade* (1974), importante paródia de *A Tempestade*, criticando a estética europeia e interpretações colonialistas da peça, pelo ponto de vista de Caliban. Mais recentemente merece destaque o espetáculo *Otelo da Mangueira*, brilhante apropriação da tragédia de *Otelo* como comédia musical, ambientada, durante um Carnaval, no Morro da Mangueira,

Rio de Janeiro, envolvendo uma trama entre Otelo, que preside a Escola de Samba, Iago e Cássio, compositores – respectivamente tarimbado e neófito – que concorrem ao sambanredo da Estação Primeira de Mangueira naquele ano. O musical foi levado à cena no Rio de Janeiro, em 2006-2007, com direção de Daniel Herz.

A história mais recente do teatro brasileiro reflete o trabalho multicultural realizado por encenadores, atores e atrizes. Artistas de destaque, lembrando que alguns agora são falecidos, interpretaram importantes personagens shakespearianas nos tabladados do país. Entre os atores: Sérgio Cardoso (1925-1972), Hamlet; Paulo Autran (1922-2007), Otelo, Macbeth, Coriolano, Lear e Próspero; Sérgio Britto (1923-2011), Lear; Abdias do Nascimento (1914-2011), Otelo; Raul Cortez (1932-2006), Lear; Juca de Oliveira (1935), Otelo; Antônio Fagundes (1949), Macbeth; Gabriel Vilela (1958), Hamlet; Aílton Graça (1964), Otelo; Wagner Moura (1976), Hamlet; e Charles Fricks (1972), Leontes. Entre as atrizes: Henriette Morineau (1908-1990), Volumnia; Tônia Carrero (1922-2018), Desdêmona; Ruth de Souza (1921-2019), Desdêmona; Fernanda Torres (1965), Miranda; Vera Holtz (1953), Tímon; Susanna Kruger, Paulina; e Maria Fernanda Cândido (1974), Créssida, para citar apenas alguns e algumas.

Produções brasileiras de Shakespeare têm florescido não só em festivais de teatro, como o Festival de Curitiba (desde 1992) e o Porto Alegre em Cena (desde 1993), mas também no trabalho de companhias como Clowns de Shakespeare (desde 1993, em Natal). A premiada produção do Grupo Galpão de *Romeu e Julieta* (2000) foi levada ao Globe Theatre em Londres (2000) e ao Kennedy Center em Washington, D.C. (2002) em língua portuguesa. Em 2006 a Companhia de Teatro Nós do Morro, do Rio de Janeiro, dirigida pelo ator-professor brasileiro Guti Fraga (1952), recebendo visitas frequentes de Cicely Berry (1926-2018), diretora vocal da Royal Shakespeare Company, colaborou com jovens atores da Gallery 37 (de Birmingham, Reino Unido) para apresentar *Os Dois Cavalheiros de Verona* no Festival Mundial de Obras Completas de William Shakespeare, realizado em 2016, no quarto centenário da morte do autor. Os projetos do Palácio do Povo e o Fórum Shakespeare, capitaneados por Paul Heritage, no Rio de Janeiro, levam Shakespeare a brasileiros em situação de risco e violência desde os anos 1990. Ron Daniels (Ronaldo Daniel), que ingressou na Royal Shakespeare Company após sua opção pelo exílio em 1964, voltou ao Brasil para dirigir Raul Cortez em *Rei Lear* (2000) e a fim de produzir um “Repertório” de Shakespeare, com Thiago Lacerda (1978) nos papéis-títulos *Hamlet* (2014) e *Macbeth* (2015), bem como em *Medida por Medida* (2015).

Em 2004, no Rio de Janeiro, o já mencionado Daniel Herz, à frente da Companhia Atores de Laura, levou à ribalta com sucesso de público e crítica a primeira montagem profissional brasileira de *O Conto do Inverno*, com tradução minha. Marcio Meirelles (1954), diretor artístico do Teatro Vila Velha, em Salvador, realizou duas montagens de *Macbeth*, uma com o grupo Avelãz y Avestruz (1982) e outra com a Universidade Livre do Teatro Vila Velha (2014); três diferentes produções de *Sonho de uma Noite de Verão*, a primeira em 1992 no Teatro João Caetano, em codireção com Werner Herzog (1942), no Rio de Janeiro, a segunda em 1999, com o Teatro dos Novos e o Bando de Teatro Olodum, e a terceira apenas com o Bando (2006), ambas em Salvador; também encenou *Troilo e Créssida* (2014); a primeira produção profissional no país do *Primeiro In-Quarto de Hamlet* (2015), com tradução minha; *Romeu e Julieta* (2016-2017); e *A Tempestade* (2019), todas no Teatro Vila Velha, com alunos e colaboradores da Universidade Livre.

Aliás, um amplo banco de dados contendo vídeos de montagens brasileiras de peças de Shakespeare, bem como entrevistas com artistas e acadêmicos, foi lançado pela Universidade Federal do Paraná sob a coordenação de Liana Leão. E o segmento brasileiro do site do MIT Global Shakespeares também é fonte valiosa de registros acerca de Shakespeare no cenário brasileiro.

Espero que este breve panorama revele a capilaridade do “fenômeno Shakespeare” visto no contexto brasileiro. Tem sido intensa a atividade na literatura, cinema, televisão, tradução e apropriação, além, é claro, no próprio teatro. Longe de querer encerrar esta palestra em flagrante bardolatria, devo admitir que, sem dúvida, existe algo nessas peças que mantém muitos de nós interessados em ler, reescrever, filmar, traduzir e encenar esses textos dramáticos absolutamente memoráveis.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **A cartomante**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000181.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

BARBOSA, Rui. Cartas de Inglaterra – 1896. In: BARBOSA, Rui. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946. v. XXIII, tomo I.

CALDWELL, Helen. **The Brazilian Othello of Machado de Assis: a study of Dom Casmurro**. Berkeley: University of California Press, 1960.

DOUGLASS, Ellen H. Machado de Assis’s “A cartomante”: modern parody and the making of a “Brazilian” text. **MLN**, v. 113, n. 5, p. 1.036-1.055, 1998.

GOMES, Eugênio. **Shakespeare no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1961.

KLIMAN, Bernice; SANTOS, Rick J. (ed.). **Latin American Shakespeares**. Madison-Teaneck: Fairleigh Dickinson UP, 2005.

MARTINS, Márcia A. P. (org.). **Visões e identidades brasileiras de Shakespeare**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

O’SHEA, José Roberto (ed.). Accents Now Known: Shakespeare’s Drama in Translation. **Ilha do Desterro**, n. 36, jan.-jun. 1999.

O’SHEA, José Roberto. Early Shakespearean Stars Performing in Brazilian Skies: João Caetano and National Theatre. In: KLIMAN, Bernice; SANTOS, Rick J. (ed.). **Latin American Shakespeares**. Madison-Teaneck: Fairleigh Dickinson UP, 2005. p. 25-36.

O’SHEA, José Roberto; GUIMARÃES, Daniela Lapoli; BAUMGÄRTEL, Stephan Arnolf (ed.). Mixed With Other Matter: Shakespeare’s Drama Appropriated. **Ilha do Desterro**, n. 49, jul.-dez. 2005.

RESENDE, Aimara (ed.). **Foreign Accents: Brazilian Readings of Shakespeare**. Newark: U of Delaware P, 2002.

SANTOS SILVA, Kelly Aparecida dos. **Shakespeare e Machado de Assis: das origens do teatro brasileiro à apropriação de Hamlet**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

SMITH, Stephen K. **Palcos Políticos: Activist Theater in Contemporary São Paulo, Brazil**. PhD dissertation – University of Wisconsin-Madison, 2008.

SHAKESPEARE, William. Monólogo de Hamlet “To be or not to be”. Tradução de Machado de Assis. In: MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Ocidentais**. Rio de Janeiro: Jackson, 1936. p. 384-385.

WEBSITES

ESCOLHA seu Shakespeare. Disponível em: <http://www.dbd.puc-rio.br/shakespeare/index.htm>.

GLOBAL Shakespeares. Disponível em: <https://globalshakespeares.mit.edu/>.

GRUPO Galpão. Disponível em: <http://www.grupogalpao.com.br/historia/>.

PAUL Heritage and the People’s Palace Projects. Disponível em: <http://www.peoplespalaceprojects.org.uk/>.

PAULO Autran. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=q_4OvOWJEOc.

SHAKESPEARE in the favelas. Disponível em: http://www.kieronjones.com/shakespeare_in_the_favelas.pdf.

SHAKESPEARE Brasil UFPR. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/shakespearedigital>.